

tolha o olhar, mas cujo *imaginário* seja renovada *compreensão* *lúcida*¹⁰⁴.

Há hipérbole por excesso, e hipérbole por diminuição: e ambas mentem para chegar à verdade [...] A hipérbole por excesso diz o muito que se não pode crer, para que se creia o que é: e a hipérbole por diminuição diz o pouco que se pode dizer, para que se creia o que será. O que será a glória do Céu, é o que se colhe eficazmente do meu discurso.¹⁰⁵

Numa palavra: que a *cena da enunciação* se deixe habitar, como no *sermo* de Vieira, pela «metafísica do olhar» e o mais que ele revela... (até *de inconsciente*, como diria Antonin Artaud...)¹⁰⁶ que, assim, mais do que pelo abstrato do *logos*, ensina a transcendência espiritual.

¹⁰⁴ Cf. ainda nossa lição sobre o *imaginário* em nosso estudo: Carlos H. do C. Silva, «O Imaginário na Filosofia — Da imagem intermédia ao imaginário especulativo — ou do pensar por interposta 'pessoa'», in Alberto Filipe Araújo e Fernando Paulo Baptista (coord.), *Variações sobre o Imaginário, Domínios, Teorizações, Práticas Hermenêuticas*, Lisboa, Instituto Piaget, 2003, pp. 287-336.

¹⁰⁵ Cf. Sermão da Segunda Dominga da Quaresma (de 1651), VII, in vol. 1, p. 892.

¹⁰⁶ Cf. Antonin Artaud, *Le théâtre et son double* (1935): «La mise en scène et la métaphysique» (pp. 49 e segs.). V. *supra* nn. 24 e 48; cf. Peter Brook, *The Empty Space*, ed. cit., pp. 133 e segs.

DO IMAGINÁRIO INACIANO AO IMAGINÁRIO DE VIEIRA

CARLOTA MIRANDA URBANO

Universidade de Coimbra

Quando nos detemos na obra literária do Padre António Vieira impressiona-nos (e tantas vezes nos maravilha à comoção) o imaginário riquíssimo e luminoso do missionário, do pregador, do sonhador e do profeta da aliança mística entre o reino de Portugal e o Reino de Deus. Maravilham-nos um espírito e obra invulgares, fascinantes pela coerência e pela ousadia, numa surpreendente fidelidade à tradição. Um imaginário tão rico e com tão fundas raízes espirituais não poderia nascer de um grau zero de originalidade — como nenhum imaginário, de resto — e não perde valor, pelo contrário, ao reconhecermos e identificarmos nele as raízes de que se alimenta e com as quais dialoga fecundamente.

Ao ler o Padre António Vieira, não podemos deixar de reencontrar na sua obra o ideário da Companhia de Jesus marcado pelo de Santo Inácio de Loyola, seu fundador. A Companhia, no seu percurso de renovação humanista, solidamente apoiado nas *humaniores litteræ*, firmando e desenvolvendo a sua vocação missionária ao serviço da igreja de Roma, com uma espiritualidade cristocêntrica, empenhada num movimento de renovação interior do homem; uma companhia desde as origens marcada pelo voto especial de obediência ao Papa e por uma vocação universal; uma companhia desde os primeiros tempos com

especial ligação à Coroa Portuguesa e à sustentação espiritual do seu império nascente; esta Companhia constituiu o ambiente natural para a génese e para o desenvolvimento do imaginário mais ousado do Padre António Vieira: o seu messianismo e a sua utopia escatológica. Mas também compreendemos melhor o fervor do missionário, a solidez do pregador, a coerência do seu pensamento e a sua defesa da ortodoxia, reconhecendo nestes os fundamentos da espiritualidade inaciana.

Neste estudo, vamos deter-nos sobretudo nos fundamentos espirituais desse imaginário, concretamente no imaginário da espiritualidade inaciana em que cresceu e se formou o Padre António Vieira.

IMAGINÁRIO DE SANTO INÁCIO E IMAGINÁRIO INACIANO

Não podemos reduzir o imaginário inaciano ao imaginário de Santo Inácio de Loyola. Com efeito, este é o centro e a raiz daquele que, consoante os tempos e os caminhos percorridos pela Companhia de Jesus, se vai modificando, valorizando alguns dos seus sentidos, preterindo outros, lendo-os de diversos modos, refletindo e manifestando novas sensibilidades, etc.

Na verdade, se entendermos que o imaginário inaciano é o imaginário da Companhia de Jesus, reconhecemos de imediato que ele é hoje bem diferente do imaginário da Companhia em que se formou o Padre António Vieira. E é este que aqui nos interessa. Este e o imaginário de Santo Inácio de Loyola que desde a fundação da nova ordem religiosa foi alimentando ao longo dos tempos o imaginário inaciano, fazendo-se presente sobretudo na prática dos *Exercícios Espirituais*¹ que marcaram sucessivas gerações de jesuítas até aos dias de hoje.

¹ Pequeno texto que plasmou a experiência de conversão de Santo Inácio e que neste estudo seguimos na sua edição portuguesa. *Exercícios*

Quando o jovem Vieira dava entrada na Companhia de Jesus, o imaginário inaciano era alimentado pelos *Exercícios Espirituais*, pela construção hagiográfica da figura de Santo Inácio, por uma determinada leitura espiritual relativamente comum às várias casas de formação da Companhia, e por uma *praxis* missionária que marcou profundamente a nova ordem religiosa desde a sua fundação.

Gozaria de grande longevidade e popularidade a imagem de Santo Inácio e da própria Companhia, resultante das primeiras biografias oficiais, escritas nos finais do século XVI pelos padres Pedro Ribadeneira e Pedro Maffei². Sobretudo a de Pedro Ribadeneira, a mais divulgada, publicada primeiro em latim (1572)³ e depois revista e publicada em latim e espanhol (1583)⁴, assentava em boas fontes documentais. O padre Ribadeneira conheceu bem Inácio de Loyola na última fase da sua vida, bem como os companheiros que com ele deram origem à Companhia, teve acesso a *Vidas* inéditas que já circulavam e mesmo a escritos do próprio Santo Inácio. A sua obra, porém, e a leitura que faz da vida do fundador, do tempo em que ainda não o conhecia (quando germina a obra espiritual de Santo Inácio, que cristaliza o seu imaginário) está profundamente marcada pelo seu próprio tempo. A sua visão do passado é, assim, configurada pelas preocupações do seu momento histórico, o momento em que, depois do Concílio de Trento, a Igreja Católica reconhece a urgência de reconquistar o «terreno perdido» para o Protestantismo, num movimento

Exercícios Espirituais, trad. do autógrafo espanhol pelo padre Vital Dias Pereira, S. J., 2.^a ed., Livraria do Apostolado da Imprensa, Porto, 1983.

² Juan Pedro Maffei, *De Vita et moribus Ignatii Loyola*, Roma, 1585.

³ Pedro Ribadeneira, *Vita Ignatii Loyolae qui religionem clericorum Societatis Iesu instituit*, Madrid, 1572.

⁴ Pedro Ribadeneira, *Vida del Padre Ignacio de Loyola, fundador de la Religion de la Compañia de Jesus. Escrita en Latin por el padre Pedro de Ribadeneira de la mesma Compañia, y aora nuevamente traduzida en Romance y añadida por el mismo autor*. Madrid, 1583.

pedagógico e apologético que o século XIX designaria de «contra-Reforma».

De acordo com esta preocupação dominante, outros autores da Companhia, como Jerónimo Nadal e Polanco, liam a vida de Santo Inácio e toda a sua obra como combate à reforma luterana. O padre Polanco observara mesmo que, quando Lutero começava a erguer a sua bandeira contra a Igreja Católica, Inácio se convertia a Cristo, destinado a combater o «veneno luterano»⁵. Ribadeneira acentuaria esta ligação na sua biografia explorando largamente a metáfora militar que ecoava coerentemente quer o passado militar de Santo Inácio quer o centro do imaginário dos *Exercícios*, «o chamamento do Rei temporal...», a que adiante nos referimos. A Companhia reforçava assim, exprimindo-a, a sua autoconsciência missionária como *militia Dei*, numa imagem tão antiga como a mais antiga apologética cristã. Citamos, a título de exemplo, um dos vários passos que o evidenciam:

Y quando Luthero quitava la obediencia a la Yglesia Romana, y hazia gente para combatilla cõ todas sus fuerças, entonces levantava Dios a este santo Capitan, para que allegase soldados por todo el mundo: los quales con nuevo voto se obligassen de obedecer al summo Pontifice, y resistissen con obras y con palabras a la perversa y heretica doctrina de sus secuaces.⁶

Este imaginário inaciano, marcado pela metáfora militar, teria grande sucesso e longevidade na literatura jesuítica, especialmente na poesia, uma vez que esta integrava o processo de formação humanística nos colégios da Companhia. Não

⁵ V. Terence O'Reilly, *From Ignatius de Loyola to John of the Cross*, *Variorum Collected Studies Series*, 1995, p I 441.

⁶ Pedro Ribadeneira, *Vida del Padre Ignacio de Loyola, fundador de la Religion de la Compañia de Jesus. Escrita en Latin por el padre Pedro de Ribadeneira de la mesma Compañia, y aora nuevamente traduzida en Romance y añadida por el mismo autor*. Madrid, 1583, 224 v.

é por acaso que ainda hoje sobrevive a imagem de Santo Inácio como cavaleiro ao serviço do Rei Eterno, e da Companhia de Jesus como a sua milícia, quer no combate da heresia quer nos novos campos de missão a Oriente e a Ocidente.

Um poema épico novilatino do início do século XVII, composto por um jovem aluno de um colégio jesuíta, António Figueira Durão, tem como herói o próprio Santo Inácio de Loyola. O seu título, modelado em Virgílio, como grande parte do seu ornato literário, é *Ignatiados*⁷. Nesta composição, a Companhia nasce sob o desígnio da luta contra a heterodoxia. No plano do maravilhoso, Lutero, instigado por Vénus, declara guerra aos santos e espalha os «falsos mensageiros» da Palavra. Por isso, cheio de misericórdia, Deus envia ao mundo, para remédio deste mal, o herói Inácio e a sua prole, a Companhia de Jesus.

Um outro poema épico novilatino, publicado em 1640, também de carácter hagiográfico, celebra, não o fundador mas a obra missionária da Companhia, sobretudo no Japão, pois a ação central corresponde à vida, missão e martírio do Provincial do Japão, o padre Francisco Pacheco, juntamente com outros oito jesuítas, europeus e asiáticos⁸. Neste poema, o seu autor, o padre Bartolomeu Pereira, mestre de Retórica do Colégio de Artes, interpreta muitas vezes de modo sacrificial

⁷ Este poema épico em três livros foi publicado juntamente com outras composições do autor, élogos, elegias, epigramas e cartas em verso, em 1635 (António Figueira Durão, *Opera Omnia*, Lisboa, 1635). Segundo informações de António dos Reis que o publicou de novo no século XVIII no *Corpus Illustrium poetarum lusitanorum qui latine scripserunt* (1748: v), Figueira Durão não tinha ainda completado os 15 anos quando compôs este poema. Trata-se, pois, de um elaborado exercício literário de juventude que depois, não muito mais tarde, vem a publicar. Sobre este poema v. Carlota Miranda Urbano, «O *Ignatiados* de António Figueira Durão (1635)», *Gramática e Humanismo*, Actas do Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres, vol. II, Braga, 2005, 225-246.

⁸ Bartolomeu Pereira, *Paciecidos: libri duodecim: decantatur clarissimus P. Franciscus Paciecus Lusitanus, Pontlimiense, è Societate Iesu, Japoniae Provincialis eiusdem Ecclesiae Gubernator, ibique uiuus pro Christi fide lento concrematus anno 1626*. Conimbricæ, Expensis Emmanuelis de Carvalho 1640.

o martírio dos heróis do seu poema, atestando a sua eficácia nos frutos que não tardarão a manifestar-se na chegada de novos missionários da Europa para acudir à igreja japonesa ferozmente perseguida. Quando as cinzas dos mártires jesuítas são espalhadas no mar, o poeta contempla misticamente a colheita que rendem estas fecundas sementes⁹: as armadas vindas da Europa, uma apaixonada prole inaciana¹⁰. Os missionários jesuítas do Japão, ou mesmo a Companhia, são designados muitas vezes como *Ignatii acies*, outras *Agmen Iesu*. Quando um dos mártires, padre Rinxei, no cárcere, pede ao padre Francisco Pacheco para ser admitido na Companhia, nas palavras que o poeta o faz pronunciar, suplica a «pura milícia», o «exército de Jesus», diz-se preparado para a «guerra terrível» (do martírio) e Francisco Pacheco recebe-o como «bravíssimo soldado», sob as «poderosas armas» do seu «exército»¹¹.

⁹ Numa citação implícita de Tertuliano: «semen est sanguis Christianorum.» *Apologético*, 50, 13. Cf. J. Carlos Miranda, *Tertuliano. Apologético*, edição bilingue com tradução, Introdução e comentários, Alcalá, 2002.

¹⁰ *Paciecidos...*, XII, 330-337. «Olha para as armadas vindas da costa da Europa, quantos companheiros! Vê que generosa colheita eles te trazem! É abundante, a ceifa do mar. Não foi vã a esperança que alimentou esta semente, e ela responderá à ânsia das tuas preces, quando receberes, regressando a ti, da cidade de Rómulo, Semedo, esse 'Catão já rapado', com veste e aparência culta, entrando pela tua costa, e trazendo consigo uma apaixonada prole do Lácio e de Portugal.» Citamos na nossa tradução.

¹¹ O episódio ocupa os versos 69 a 91 do canto v: «Pelas minhas lágrimas, pelas imortais relíquias de São Xavier te peço, concede-me, venerável Pacheco, recebe-me sob o estandarte da tua pura milícia. Suplico-te Loyola por pai, suplico o exército de Jesus. Não desdênes da minha coragem, não temas levar-me como companheiro para a guerra terrível e para as chamas que estão preparadas. Pois que tantas vezes em momentos de consolação e vantagem usavas receber-me por companheiro e levar-me contigo, porque desprezas que eu tome parte na tua insigne sorte de sofrimentos, que deseje acompanhar-te e voluntariamente avançar para a morte? Suplico-te, Francisco, confirma os meus votos. Embora este jovem despreze a vida e ouse negociá-la pelo sangue na morte, não pensa comprar facilmente

Nesta mesma epopeia, quando em analepse o herói recorda o Colégio onde fez o noviciado — o Colégio de Jesus em Coimbra — refere-se a um prodígio ocorrido na sua construção: das suas fundações saiu um enxame de abelhas que atravessou os ares cristalinos, como que anunciando os enxames de companheiros que por terra e por mar haviam de espalhar no mundo a lei de Deus¹².

No século xvii, portanto, o imaginário inaciano tinha como núcleo a imagem da Companhia qual exército constituído para combater a heresia e o paganismo. Neste último aspeto, tivera grande influência a *praxis* missionária da nova ordem religiosa. Sobretudo as *Cartas Quadrimestrais* e *Ânuas* enviadas das terras de missão para a Europa, lidas nos Colégios da Companhia¹³, as *Relações* de martírios, a celebração da memória desses mártires

o céu, para onde vais.» Perante tais palavras tão dignas, o filho do Lima ergue o orador suplicante, retém-no num abraço e conta-o nos companheiros da sua Ordem. «Vem — diz-lhe — bravíssimo soldado, e compensa com a fortaleza dos votos, a fraqueza das tuas mãos. Não, não menosprezo a coragem e o valoroso coração de Rinxei; com o nosso nome te assinalo, jesuíta te consagro e te coloco sob os nossos estandartes, sob as poderosas armas do nosso exército.» Os companheiros abraçam-no, acolhem alegres o novo soldado e celebram aquele triunfo silenciosamente, pela noite.

¹² V. os versos 84-92 do canto vii: «Assim que dentro das muralhas de Roma nasceu a nossa Companhia, logo el-Rei D. João, o Terceiro de seu nome, não o segundo em piedade, e o primeiro na glória e na honra fundou para nós esta casa. Das suas fundações saiu de repente um enxame de abelhas num alegre zumbido e, voando, atravessou os ares cristalinos; augúrio e presságio de bons começos, os enxames de companheiros que por terra e por mar em alegre alvoroço haviam de espalhar pelo mundo a lei dos Céus.»

¹³ Estas Cartas não tinham como exclusiva a missão de manter os superiores na Europa informados dos avanços ou recuos da missão evangelizadora. Elas eram escritas também com propósitos edificantes e, sem dúvida, tinham a sua responsabilidade na atração de novas vocações missionárias para o Oriente. Desde muito cedo elas integravam o catálogo das leituras recomendadas para o refeitório nos Colégios da Companhia. V. Pedro Leturia, «Lecturas Ascéticas y lecturas místicas

enquanto isso foi possível¹⁴, mas também a parénesis e a poesia de caráter hagiográfico, do epigrama ao longo poema épico, contribuíram para a construção de um imaginário missionário, associado ao mártir e à vocação universal da Companhia.

Quanto à leitura da Companhia como predestinada desde as origens para o combate da heresia, esta nasceu sobretudo da imagem de Santo Inácio ao serviço dos propósitos reformadores do Papa. Quando, forçados pela circunstância política internacional a abandonar o ideal de ir para Jerusalém, Inácio e os companheiros se apresentaram diante do Sumo Pontífice para a missão que este lhes destinasse, os futuros jesuítas, abandonando o desejo de peregrinar para Jerusalém e aí ficar ao serviço da fé, envolviam-se inteiramente no programa de reforma da igreja de Roma, delineado pelo Papa Paulo III. Roma substituíra, assim, nos seus planos, a meta de Jerusalém.

O imaginário mais genuíno de Inácio de Loyola, porém, configura-se muito antes da abertura do Concílio de Trento, no seu atribulado processo de conversão, que se vai clarificando ao longo dos anos dedicados ao estudo, quando ainda não estavam definidas as clivagens entre ortodoxia e heterodoxia. Se atentarmos bem, o imaginário e a espiritualidade de Santo Inácio configuram-se no coração da reforma católica, no início do século XVI, na continuidade dos movimentos tardomedievais da *devotio moderna*, revelando naturalmente sintonias com outros movimentos de reforma que viriam a separar-se da igreja de Roma. O próprio Santo Inácio várias vezes teve necessidade de provar a sua fidelidade a Roma e de demarcar o seu modo de vida do de outras correntes de renovação espiritual, suspeitas

entre los Jesuítas del siglo XVI», *Archivio italiano per la storia della pietà*, t. 2, Roma, 1953, 3-34.

¹⁴ Até aos decretos de Urbano VIII que datam de 1625 e procuram controlar a emergência de cultos espontâneos, proibindo a veneração de imagens e publicação de *Vidas* daqueles de cuja santidade se presumisse mas que não tivessem ainda sido declarados como tal pela Igreja.

de heresia, quando a tal se viu forçado pela Inquisição em Alcalá, em Paris e em Roma¹⁵.

O mais genuíno da sua espiritualidade remonta aos *Exercícios Espirituais* que na sua versão final datam de 1541, um ano depois da aprovação da Companhia, mas cujo núcleo fundamental, depois elaborado ao longo de vários anos, teve origem entre 1522 e 1523, após uma crise espiritual que Santo Inácio atravessou em Manresa. Os *Exercícios* passam para texto precisamente o seu processo de renovação interior que se foi plasmando lentamente, constituindo depois uma proposta de oração mental como método de renovação interior do homem. Conduzindo o exercitante num percurso interior de autoanálise e de conhecimento interno de Cristo, os *Exercícios* são profundamente renovadores na valorização da interioridade, como tão bem o exprime a segunda notação: «não é o muito saber que farta e satisfaz a alma mas o sentir e gostar as coisas internamente»¹⁶.

Contudo, os *Exercícios* nem por isso desprezam as manifestações externas de piedade bastante fustigadas por outros apóstolos da interioridade, como Erasmo. A espiritualidade de Santo Inácio é tão reformadora quanto herdeira das práticas e das devoções medievais mais arreigadas na tradição da Igreja Católica¹⁷. Com efeito, a sua visão da vida espiritual, longe de abandonar as práticas da piedade popular e tradicional mais criticadas pelos reformadores seus contemporâneos, reafirma-as, renovando-as¹⁸.

¹⁵ Em 1527, 1535 e 1538, respetivamente. V. *Autobiografia de Santo Inácio de Loyola*, trad. A. J. Coelho, AO, Braga, 2005.

¹⁶ Cf. § 2 dos *Exercícios*.

¹⁷ A peregrinação é uma delas. Veja-se, por exemplo, a importância inicial da peregrinação à Terra Santa no processo de conversão de Santo Inácio e na própria génese da Companhia de Jesus.

¹⁸ Particularmente significativo do que afirmamos é, por exemplo, a importância da peregrinação no processo de conversão espiritual de Santo Inácio ou ainda as «Regras para o verdadeiro sentido que devemos ter na igreja militante», §§ 352-370 dos *Exercícios*.

É bem visível na própria organização dos *Exercícios* a centralidade da figura de Cristo¹⁹, a importância da Segunda Semana, da meditação das duas bandeiras, o «Chamamento do Rei Temporal ajuda a contemplar a vida do Rei Eterno», Rei que chama «todo o universo e cada homem em particular para entrar com todos na Glória do Pai»²⁰, e ainda o momento fundamental da «eleição»²¹.

O IMAGINÁRIO VIEIRINO

Como homem do seu tempo, o Padre António Vieira, formado na pedagogia espiritual e no ensino da Companhia de Jesus desde a mais tenra idade, recebeu a imagem de Santo Inácio cristalizada pela hagiografia oficial. Basta lermos, por exemplo, o Sermão de Santo Inácio²² proferido em 1669 no Colégio de Santo Antão, no dia em que este santo se celebra, o dia 31 de julho.

Quando se refere à conversão do cavaleiro Inácio de Loyola, o Padre Vieira explora a imagem da nova milícia que se revela ao leitor habitual dos romances de cavalaria, fascinado com a leitura das vidas de santos.

¹⁹ Esta centralidade de Cristo na Segunda Semana dos *Exercícios* prolonga-se na leitura recomendada por Santo Inácio. No § 100, imediatamente após o «Chamamento do Rei Temporal, ajuda a contemplar a vida do Rei Eterno», recomenda-se a leitura da *Imitação de Cristo*, ou os Evangelhos, e vidas de santos.

²⁰ V. §§ 92-97.

²¹ Cf. §§ 175-188.

²² Sermão de Santo Ignacio Fundador da Companhia de Jesus. V. António Vieira, *Sermões*, I, Edição crítica, direção científica de Arnaldo do Espírito Santo, consultor científico da edição Aníbal Pinto de Castro, fixação do texto e aparato crítico de A. Espírito Santo, M. Cristina Sousa Pimentel e Ana Paula Banza. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008, pp. 197-245.

Estava atónito Ignácio do que lia, e de ver que havia no mundo outra milícia para ele tão nova, e tão ignorada [...] Já lhe pareciam maiores aqueles combates, mais fortes aquelas resistências, mais ilustres aquelas façanhas, mais gloriosas aquelas vitórias, e mais para apetecer aqueles triunfos. Resolve-se a trocar as armas, e alistar-se debaixo das bandeiras de Cristo.²³

A faceta mais genuinamente tradicional e medieval da figura de Santo Inácio como o peregrino de Jerusalém, associada a uma mística fascinada pelo martírio, que teria uma grande expressão na Companhia a partir dos finais do século XVI, também brilha neste sermão:

[C]om sede de derramar o sangue próprio, quem tinha derramado tanto alheio, sacrifica-se a ir buscar o martírio a Jerusalém, oferecendo as mãos desarmadas às algemas, os pés aos grilhões, o corpo às masmorras, e o pescoço aos alfanges Turquescos.²⁴

Até mesmo a imagem do «novo soldado de Cristo»²⁵ como reconquistador ao serviço da Igreja, a imagem do reformador que debelaria as consequências dos movimentos reformistas separados de Roma, está presente neste Sermão em louvor de Santo Inácio:

Lia finalmente as vidas e as peregrinações dos Apóstolos, e soando-lhe melhor que tudo aos ouvidos as trombetas do Evangelho, toma por empresa a conquista de todo o mundo, para dilatar a Fé, para o sujeitar à Igreja, e para levantar novo edifício sobre os alicesses, e ruínas do que eles tinham fundado.²⁶

²³ Cf. p. 200.

²⁴ Cf. p. 201.

²⁵ *Ibidem*.

²⁶ Cf. p. 201.

Como se compreende no contexto do imaginário vieirino, porém, esta «conquista de todo o mundo» é muito mais que a reconstrução do edifício da Igreja sobre os alicerces e ruínas do que os apóstolos tinham construído, é a conquista de novos mundos para Cristo, empresa em que o Reino de Portugal não tem um papel menor. Quando, já perto do final do Sermão, o Padre António Vieira estabelece um paralelo entre Moisés e Santo Inácio, é sobretudo esta a imagem que o pregador deseja vincar:

Um [Moisés] Legislador famoso; outro [Santo Inácio] singularíssimo Legislador. Um, conquistador da Terra da Promissão; outro, **conquistador de novos mundos**. Um, domador do mar Vermelho; outro, **do Oceano e de tantos mares**. Um, que cedeu a glória de seus trabalhos a Josué; outro a Jesu. Um, que tirou do cativo seiscentas mil famílias: outro, **famílias, cidades, e reinos sem conto**.²⁷

O imaginário de Vieira lê Santo Inácio e a Companhia de Jesus, bem como a sua missão, ao serviço da instauração do Reino de Cristo na terra. Santo Inácio é, por isso, com os seus «soldados/missionários», conquistador dos novos mundos, domador do Oceano e dos mares, levando a Fé cristã da mais longínqua Ásia às Américas, e resgatando do cativo do paganismo e da superstição «famílias, cidades e reinos sem conto».

Mas tal como esta imagem de Santo Inácio seria assimilada pelo Padre Vieira e incorporada no seu imaginário, também o mais genuíno da espiritualidade inaciana, plasmada nos *Exercícios Espirituais*, encontraria terreno fértil no imaginário vieirino.

Não podemos deixar de reconhecer neste imaginário inaciano, quer na sua dimensão mais espiritual, intimamente

²⁷ Cf. p. 241. O destacado é da nossa responsabilidade.

relacionada com os *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio, quer na sua dimensão literária, mais visível na vasta produção literária da Companhia, o ambiente mais natural para a génese de alguns traços do imaginário vieirino.

Certamente, esse imaginário criado em volta do ideal místico do missionário-mártir e da vocação universal da Companhia de Jesus não foi indiferente ao Padre António Vieira. O seu ideário universal e a sua consciência da missão universalizante da Coroa Portuguesa, intimamente solidária com a missão da Companhia de Jesus, compreendem-se mais plenamente com a leitura das suas raízes naquele imaginário inaciano.

Como noutra oportunidade tivemos oportunidade de demonstrar, a própria produção literária jesuítica, sobretudo mais expressiva de uma autoconsciência épica, contribuiu para a mitificação da história da missão portuguesa e da própria Companhia, oferecendo ao imaginário vieirino um passado relativamente recente, recheado de heróis, provados no sangue do martírio, ao serviço de uma missão universal: unificar em Cristo o mundo inteiro. E o instrumento fundamental dessa missão é o Reino de Portugal, protagonista da expansão da Fé cristã nos novos campos de missão. Na poesia e na oratória, na hagiografia, na historiografia jesuítica, não faltam exemplos que denunciam, antes de Vieira, uma interpretação mística da aliança divina entre o Reino de Portugal e o Reino de Cristo²⁸. Aliança que Vieira «lia» nos sinais da História e, nas palavras de Mário Garcia,

²⁸ Sobre esta questão na literatura neolatina jesuítica veja-se Carlota Miranda Urbano, «Mitizzare la storia. Epica agiografica nel Seicento: Il poema 'Pacificados' (1640) su Padre Francisco Pacheco SJ, martire a Nagasaki», in *Venti secoli di storiografia ecclesiastica. Bilancio e prospettive*. Ediz. multilingue a cura di L. Martínez Ferrer, Roma, 2010, pp. 327-338. *Idem*, «O Padre António Vieira e a Companhia de Jesus», in Franco, J. Eduardo, coord., *Entre a Selva e a Corte. Novos Olhares sobre Vieira*, Lisboa-Florianópolis, Esfera do Caos, 2009, pp. 27-39. Sobre a mitificação da História de Portugal v. José Eduardo Franco, *O Mito de Portugal. A Primeira História de Portugal e a Sua Função Política*, Lisboa, 2000.

«projectava no futuro da Esperança e da Libertação universais, conseguido pelo Reinado de Cristo consumado na Terra»²⁹.

O próprio ardor missionário do Padre António Vieira, tão visível na sua parenética, radica na identificação inaciana do jesuíta com Cristo. A missão do «soldado da milícia inaciana» resulta necessariamente da sua resposta ao chamamento do Rei, o «Sumo e verdadeiro capitão que é Cristo» sob o seu estandarte³⁰. O «chamamento do Rei Temporal ajuda a contemplar a vida do Rei Eterno» é, sem dúvida, uma das raízes da utopia e do profetismo do Padre António Vieira. Esse Rei humano que desafia os seus súbditos à conquista da terra dos infiéis é imagem do verdadeiro Rei, Cristo, que chama todo o universo e cada homem em particular para conquistar todo o mundo e entrar na Glória do Pai. O Padre António Vieira, como prevê Santo Inácio nos *Exercícios*, responde lealmente àquele Rei «tão liberal e tão humano» tal como responderá ao Rei Eterno³¹.

A centralidade de Cristo no imaginário inaciano prolonga-se no imaginário vieirino. É da sua adesão a este capitão que é Cristo, como lhe chama Santo Inácio, da identificação com este Rei, que decorrem o seu ardor missionário e o seu messianismo, alimentos inequívocos da sua utopia escatológica. É nessa adesão, como que nesse «lugar fundador» do jesuíta, que ganha sentido a construção utópica de Vieira e a sua leitura da História. É, pois, com a chave de leitura dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio e com a construção do seu imaginário que podemos ler profundamente a utopia vieirina, a utopia de um genuíno soldado inaciano que, sob a bandeira do Rei Eterno, o serve e espera no cumprimento do seu Reino.

²⁹ Mário Garcia, «Vieira Jesuíta», *Terceiro Centenário da Morte do Padre António Vieira: Congresso Internacional: Actas*. Universidade Católica Portuguesa, Braga, 1999, 3 vols., vol. I, 85-102, cf. p. 100.

³⁰ Cf. §§ 136-142.

³¹ Cf. § 96.

O ENGENHO DOS PRETOS: SOBRE A ESCRAVATURA EM TRÊS SERMÕES DE VIEIRA

ERNESTO RODRIGUES

Universidade de Lisboa

Oh trato desumano, em que a mercancia são homens!

Sermão Vigésimo Sétimo,
com o Santíssimo Sacramento exposto.

Na cronologia dos Sermões do Padre António Vieira, o Sermão Décimo Quarto do Rosário «[f]oi o primeiro Sermão que o Autor pregou em público antes de ser Sacerdote» (t. ix, 1886, p. 485b). Estamos em 1633, dia de São João. Antes de 1633, pregara «domesticamente», para ganhar experiência, segundo André de Barros (Prólogo do t. xv, 3.^a parte), o Sermão do Nascimento do Menino Deus. Não terá sido o caso, também, do Sermão da Quarta Dominga da Quaresma (t. xii, 1699), datado de 1633? Deste ano será o Sermão Vigésimo do Rosário, de assunto conforme ao décimo quarto, a que voltará no Sermão Vigésimo Sétimo do Rosário, «em data incerta». Nestes três sermões da série de trinta intitulada «Maria, Rosa Mística», é matéria — sensível — a escravatura negra, que analisaremos, redefinindo a imagem degradada de Vieira neste ponto controverso. Abrimos por um quadro do esclavagismo; a fechar, interrogamo-nos sobre a data do vigésimo sétimo e como J. Lúcio de Azevedo maltratou a política vieirina da redenção dos pretos.